

# **Festividade do Silêncio: as narrativas dos foliões de São Benedito de Bragança na pandemia**

• Revista  **mosaico**

**Adison Cesar Santos Ferreira<sup>1</sup>**

<https://orcid.org/0000-0002-8039-9781>

**Vânia Maria Torres**

**Costa<sup>2</sup>**

<https://orcid.org/0000-0002-0493-8763>

**Festivity of silence: the narratives of São Benedito folioners, from Bragança, in the pandemic**

## Resumo

Este artigo analisa as narrativas dos integrantes das comitivas de esmolação de São Benedito, na cidade de Bragança, no Pará, durante o primeiro ano da pandemia de Covid-19. Caracterizada como um ritual de devoção popular ao “santo preto” na Amazônia Brasileira, esses grupos se configuram por meio de uma prática conhecida como esmolação, realizada por meio de três cortejos que levam a imagem do santo para os mais distantes lugares da região. Os depoimentos dos foliões, como são chamados os integrantes dessas comitivas, serão analisados a partir da Análise Crítica da Narrativa, de Luiz Gonzaga Motta. A pesquisa mostra que, além dos sentimentos de tristeza e frustração em relação ao momento atípico, a pandemia também intensificou a condição de vulnerabilidade social vivida por esses grupos.

**Palavras-chave:** Comitivas de esmolação, São Benedito, Narrativa, Pandemia.

## Abstract

This article analyze is the narratives of the producers of the devotion groups of São Benedito, in the city of Bragança, state of Pará, during the first year of the pandemic. Characterized as a manifestation of resistance of popular culture from Amazonia. These groups are configured through a known practice with alms of holy, performed by three processions, taking the image of São Benedito to the most distant places in the region. The testimonies of the revelers, as the members of these entourages are called, will be analyzed from the Critical Analysis of Narrative, by Luiz Gonzaga Motta. The research shows that, in addition to feelings of sadness and frustration regarding the atypical moment, the pandemic also intensified the condition of social vulnerability experienced by these groups.

**Keywords:** Devotion groups, São Benedito, narrative, pandemic

## Introdução

Marcada por dias festivos, multidão de devotos, reencontros, rezas, danças e alegria, a Festividade de São Benedito de Bragança, que ocorre tradicionalmente no mês de dezembro, no nordeste paraense, foi substituída pelo silêncio em 2020. Nos dias 25 e 26, o ápice da Festividade, as sonoridades da mazurca e do retumbão, ritmos característicos da festa, foram caladas. As danças em forma de agradecimento ao santo e as aglomerações de turistas e devotos ao redor do barracão da Marujada, espaço de apresentação dos rituais de louvor ao santo, foram trocadas pelo vazio do isolamento social gerado pela pandemia de Covid-19.

A Marujada está atrelada diretamente à Festividade de São Benedito. A bicentenária manifestação cultural se caracteriza como um ritual de dança, canto, ritmo e louvor ao santo padroeiro dos negros escravizados, também chamado carinhosamente de “santo preto” pelos devotos bragantinos. Segundo Silva (1959), a Marujada teve início a partir do momento que os senhores de escravos, em 1798, atenderam aos pedidos de seus servos para fundar uma Irmandade. O aval dos senhores foi muito comemorado pelos negros cativos que realizaram a primeira festa pública de louvor à São Benedito. Um ritual que passou a se repetir todos os anos.

Em 2020, o Museu da Marujada, palco das apresentações de danças em louvor à São Benedito, manteve-se de portas fechadas. A imagem do local em nada lembrava as festas do passado. Não houve música, danças e nem o tradicional leilão ao lado da igreja. Não houve aglomeração de marujos e marujas caminhando com seus trajes oficiais e nem ambulantes vendendo recordações da festa. É como se a alegria habitual da Festividade estivesse suspensa, distante do seu local de origem.

É a partir do cenário descrito acima que este artigo analisa as narrativas dos integrantes das comitivas de esmolação do Glorioso São Benedito de Bragança, um dos principais elementos de construção da devoção ao “santo preto” no município, durante o primeiro ano de pandemia. As comitivas se caracterizam por três grupos formados por devotos de São Benedito, a maioria<sup>1</sup> do gênero masculino, que saem

---

<sup>1</sup> Utilizamos as expressões “majoritariamente” ou “a maioria” porque, apesar das 3 comitivas que saem da Igreja de São Benedito para os 8 meses de esmolação serem compostas apenas pelo gênero masculino, existe relatos de mulheres que se juntam às comitivas para peregrinarem como

anualmente entre final de abril e início de maio da cidade de Bragança, distante 210 quilômetros de Belém, para percorrerem a região bragantina levando as imagens peregrinas do santo de casa em casa, angariando donativos para a festividade oficial, em dezembro<sup>2</sup>.

Neste artigo, gerado a partir das pesquisas de Santos (2022) e Santos e Costa (2020), sobre as memórias e narrativas das comitivas de esmolação, temos como objetivo compreender como a pandemia afetou os foliões de São Benedito, em Bragança, no Pará, em relação ao presente e ao futuro dos rituais de devoção ao “santo preto”. Desse modo, observaremos as estratégias narrativas desses sujeitos, a partir das produções de sentido transmitidas na tessitura narrativa.

Para alcançar nossos objetivos, utilizamos a metodologia de Luiz Gonzaga Motta (2013), que propõe três instâncias de análise narrativas: plano da expressão (discurso); plano da estória (conteúdo) e plano da metanarrativa (tema de fundo). De acordo com o autor, o plano da expressão é o que evidencia a intencionalidade do narrador e suas estratégias de linguagem para produzir determinados efeitos de sentido (comoção, medo, riso, etc.). O plano da estória é onde se concentra o conteúdo da narrativa, baseado na representação dos significados imaginados da trama. E o plano da metanarrativa é o que destaca situações éticas fundamentais constituídas pelo narrador no momento em que ele se dispõe a narrar.

### **O local da devoção**

Fundado no século XVII, o município de Bragança, localizado a 210 quilômetros de Belém, é um dos mais antigos do Pará. Segundo Nonato da Silva (2006), os franceses foram os primeiros brancos a conhecerem a região habitada no ano de 1613 por indígenas da etnia Tupinambá. Mas somente anos mais tarde, com a criação do primeiro núcleo populacional organizado por portugueses, foi que a cidade passou a se desenvolver economicamente nos moldes europeus, sendo elevada à categoria de vila em 1763.

Situada às margens do rio Caeté e próxima ao litoral, em uma zona de

---

folionas em algumas casas de comunidades do interior de Bragança. Essa dinâmica é descrita em mais detalhes na página 8.

<sup>2</sup> O ápice da Festividade ocorre entre os dias 18 a 26 de dezembro, sendo este último o ponto culminante da festa, dia em que é realizada a procissão de São Benedito pelas ruas da cidade.

transição onde o rio encontra o mar, chamada de Amazônia Atlântica, a cidade possui uma rica geografia que lhe permite alicerçar sua economia na exportação de pescado e na agricultura ao mesmo tempo. Com uma área de 2.124,734 Km<sup>2</sup> e uma população estimada em aproximadamente 130 mil habitantes<sup>3</sup>, a cidade abriga uma série de manifestações culturais muito peculiares, oriundas da miscigenação de etnias diversas: populações originárias, brancos europeus e negros africanos.

A localização estratégica entre os estados do Pará e Maranhão facilitou durante muitos anos a entrada de vários migrantes na cidade, principalmente nordestinos vindos dos estados do Ceará e Maranhão. Este fato foi determinante para a formação da identidade “Caeteuara”, expressão derivada da palavra Caeté, rio que banha o município e que na língua Tupi significa “mato bom”.

### O “Santo preto”

Segundo o antropólogo Dedival Brandão da Silva (1997), a devoção a São Benedito em Bragança tem sua provável origem no final do século XVIII, auge do período escravocrata. A relação de proximidade com o santo inicia oficialmente com o Primeiro Compromisso ou Estatuto da Irmandade do Glorioso São Benedito de Bragança (IGSBB). O documento, assinado no dia 3 de setembro de 1798, estabelece no seu primeiro artigo que “A Irmandade do Glorioso São Benedito desta cidade será composta de pardos e pretos de ambos os sexos”.

O historiador Ubiratan Rosário (2000) explica que o culto ao “santo preto” chegou às margens e cercanias do rio Caeté, principal rio da região bragantina, através dos colonizadores leigos europeus e não do Clero, como acontecia no caso de outros santos católicos. Esse diferencial, segundo Rosário (2000), foi determinante para a criação da Irmandade de São Benedito em Bragança. Outro fator decisivo foi a identificação imediata dos negros escravizados com a cor e a história do “santo preto”.

De acordo com o historiador José Artulino Besen (2012), autor de diversas biografias de santos populares, Benedito Manasseri era filho de negros escravizados oriundos da Etiópia, na África. Os pais de Benedito foram comprados “em algum

---

<sup>3</sup> Estimativa populacional fornecida pelo IBGE em 2021.

mercado da Sicília [...] eram cristãos e a fé cristã os fazia superar a humilhação e a degradação da vida escrava” (BESEN, 2012, p. 06). O autor afirma que os pais do futuro santo católico tinham se comprometido em não gerarem nenhum filho para ser escravo, mas compadecido com a decisão, o senhor Vincenzo Manasseri, escravista responsável pelo casal, prometeu que o primeiro filho deles nasceria livre.

E assim, no ano de 1526, na região da Sicília, Itália, Benedito nasceu livre e foi registrado com o sobrenome do patrão. Segundo Besen (2012), desde cedo o jovem Manasseri mostrou vocação para a vida eremita. Mesmo sendo negro liberto, suas origens e sua cor eram motivos para injúrias e desprezo social, que conseguia superar através da oração e da penitência. Diante de uma das situações de ultraje e humilhação pública, um frade franciscano que vivia como eremita, em peregrinação e penitência, profetizou em um momento de advertência aos jovens que repudiavam Benedito: “respeitem esse jovem: não levará muito tempo e ele me seguirá, fazendo-se religioso” (BESEN, 2012, p. 08).

As palavras proferidas pelo eremita ecoaram em Benedito, o que o levou a procurar uma vida espiritual longe, nas montanhas. Durante o tempo que viveu num mosteiro, na região de Palermo, Itália, Benedito praticava a caridade, orientava vocações, curava os doentes e previa acontecimentos futuros, conforme explica o historiador:

Durante os 25 anos vividos em Palermo, Benedito cresceu sempre mais nestes dons que Deus concede a poucos eleitos: saber com antecedência, saber à distância, conhecer os pensamentos e os sentimentos, ler os corações, penetrar no mundo misterioso da consciência, conhecer além da vida terrena. (BESEN, 2012, p. 20)

Segundo Besen (2012), a bibliografia sobre os acontecimentos históricos que revelam a memória de São Benedito em seus antepassados aponta para uma relação entre história e memória. Essa relação, que se mantém até os dias de hoje, teve início por meio da implantação do seu culto público em 1743, na Itália, e pelo processo de canonização no ano de 1807, o que permitiu oficialmente a devoção a São Benedito no Brasil e no mundo.

Medeiros (2022) explica que a santificação no catolicismo é um processo religioso ordenado a partir de um conjunto de regras registradas pela Igreja que cumprem, simultaneamente, papéis mágicos e administrativos na organização da fé. Esse procedimento, que ocorre através da aprovação de uma série de etapas

burocráticas e administrativas chamada de canonização, tem como objetivo transformar em sagrada a vida de um determinado indivíduo, oficializando-o como parte do cosmos católico e ao mesmo tempo distanciando-o da simbologia profana do cotidiano terreno.

Nove anos antes de ser canonizado pelo Papa Pio VII, o “santo preto” já era louvado e reverenciado na Irmandade do Glorioso São Benedito, em Bragança. Fato que mostra que Benedito Manasseri é um dos raros casos de pessoas que foram consideradas santas pelos devotos antes mesmo do processo oficial de canonização. “A devoção em seu nome e de sua prática religiosa se expandiram assim como a necessidade de se ter um elo cristão com os afrodescendentes, seja para propagar a fé cristã, seja para arrefecer os ânimos dos cativos” (ALENCAR, 2014, p. 33).

No Brasil, São Benedito obteve imediata devoção, uma vez identificado com os negros escravos necessitados de socorro e consolação. “Santo de pais africanos, tinha na Itália, fama de taumaturgo, fama que se espalhou pelo Brasil, atingindo as senzalas” (ROSÁRIO, 2000, p. 207). É nesse cenário de santo milagroso, apontado pelos devotos como o padroeiro dos pretos, pobres e oprimidos que os negros escravizados da então Vila de Bragança abraçam essa devoção.

Conforme reitera Rosário (2000), o santo agigantou-se, sendo visto como um irmão negro. Por isso, os cativos sentiram a necessidade de irmanarem-se nessa identificação humana e divina do santo. Alencar (2014) destaca que a representação de São Benedito durante o período escravocrata surge notadamente para uma espécie de “apaziguamento” dos negros, numa relação de identificação através das origens do santo, filho de escravos, aflorando um sentimento de pertencimento étnico-cultural.

Dessa forma, a representação simbólica da imagem do “santo preto” na Irmandade do Glorioso São Benedito, em Bragança, “possui uma força que vai além da religião católica, nuances da cultura afrodescendente também são observáveis e agregam sentidos a devoção ao santo” (ALENCAR, 2014, p. 31). Neste quesito, é válido citar aqui o conceito de representação simbólica descrito por Stuart Hall (2016, p. 31). Segundo o autor, “representação é uma parte essencial do processo pelo qual os significados são produzidos e compartilhados entre os membros de uma cultura. Representar envolve o uso de linguagem, de signos e imagens que

significam ou representam objetos”.

Alencar (2014) reforça que a senzala era o único lugar em que se podiam reproduzir os cultos africanos, seus terreiros e rituais com danças e sonoridades particulares. Portanto, a estratégia dos negros escravizados na época, de tomarem para si um culto mais abrangente, em um espaço em que pudessem sair de suas restrições, só poderia ocorrer diante da religião dos dominadores, ou seja, o Catolicismo. Desta forma, “os negros pós-diáspora ressignificavam os ícones da ortodoxia católica, se apropriando em parte de uma concessão de liberdade para reproduzirem significativamente os sentidos dos cultos que prestavam nas suas origens africanas” (ALENCAR, 2014, p.31).

Nesse cenário, a figura de um santo negro surge como um elemento unificador, integrando o ritual católico aos ritos originários pré-diáspora. Para Alencar (2014), a imagem do santo passa a assumir “uma conotação de proximidade com o sagrado e o que, talvez, fosse mais respeitável para uma atmosfera religiosa em que não se consentia a espiritualidade de ascendência africana” (ALENCAR, 2014, p. 31). Por outro lado, os senhores utilizavam a organização da irmandade como uma estratégia política, pois, temiam as ameaças crescentes das revoltas de escravos e as fugas para os quilombos.

### Os foliões e a interrupção da festividade

Denominadas de comitivas de “São Benedito da Colônia”, “São Benedito dos Campos” e “São Benedito da Praia”, cada grupo é responsável por percorrer a sua área geográfica específica. Vale destacar que o fato dessas comitivas saírem da cidade nesses meses citados acima obedece a um significado. “É a partir de maio que as águas começam a baixar, bem como o índice de chuvas diminuir na região, facilitando assim a visita dos foliões<sup>4</sup> e do santo (Figura 1) às casas dos ‘irmãos’” (SILVA, 1997, p. 5). Desse modo, toda a peregrinação das esmolações costuma ser realizada no período conhecido regionalmente como verão amazônico.

---

<sup>4</sup> Nome como são chamados os integrantes das comitivas de esmolação.



**Figura 1 – Imagens peregrinas de São Benedito conduzidas pelos foliões.**

Fonte: Acervo pessoal. Adison Santos, 2020.

Cada comitiva é formada por 10 a 12 integrantes que se identificam como devotos de São Benedito. Liderados por um encarregado, pessoa indicada pela Irmandade da Marujada<sup>5</sup> e pela Diocese da Igreja Católica para coordenar cada grupo, essas comissões percorrem durante oito meses os lugares mais remotos da região bragantina, incluindo parte da região litorânea dos estados do Pará e Maranhão. São localidades onde muitas vezes nem a Igreja está presente, como as pequenas ilhas e vilas de pescadores.

Durante o período de peregrinação as comitivas visitam diariamente as casas de devotos do santo, levando as imagens de São Benedito para dentro de cada lar. Ainda com relação ao espaço da esmolação na cotidianidade dos bragantinos é válido citar aqui o minucioso relato feito por Silva (1997, p. 5) ao descrever o serviço de esmolação:

O serviço de esmolação, que se caracteriza pelo deslocamento, se inicia diariamente às cinco horas da manhã, com o cantar da folia de

---

<sup>5</sup> De acordo com os estudos de Silva (1997), os primeiros relatos históricos sobre a fundação da Irmandade do Glorioso São Benedito de Bragança (IGSBB) remontam ao ano de 1798. O pesquisador explica que a história dessa associação se divide em dois momentos: o período da Irmandade religiosa – que se caracteriza pela subordinação à autoridade eclesiástica, e que vai de 3 de setembro de 1798 e se estende até o ano de 1947 e o da Irmandade civil – que se configura pela independência dessa associação em relação à Igreja, iniciada em 1947 e que vigora até os dias atuais

alvorada, inaugurando o trabalho cotidiano da comissão e do grupo doméstico. A saída de cada comitiva das residências que a alojou se dá de forma variada: pode ocorrer de manhã bem cedo ou de tarde. Durante estes períodos, suas tarefas são de “esmolar com o santo”, isto é, recolher de casa em casa os donativos e as esmolas ofertados pelos devotos e promesseiros, até chegar àquela que aceitou ficar com o Santo para promover a pernoita d’Ele. Aqui a comissão permanecerá para, no dia seguinte, retomar a sua jornada. (SILVA, 1997, p.26)

O simbolismo presente na esmolação (Figura 2) é marcado por vários rituais. De acordo com Silva (1997), o momento da reza é o mais importante de todos, pois corresponde ao agradecimento do devoto. O promesseiro que aguarda essa visita por mais de um ano, prepara um altar na casa para acomodar a imagem de São Benedito. É ali, ao redor do altar caseiro ornamentado com flores, que ocorrerão as rezas, as homenagens e os encontros em devoção ao santo.

Dentre outros cerimoniais estão a sonoridade de tambores, pandeiros e reco-recos e a prática de cantar uma folia, isto é, uma quadra de versos com temas bíblicos, entoados na casa dos devotos em troca de um donativo que pode assumir a forma de dinheiro ou de um gênero alimentício<sup>6</sup>.



Figura 2 – Comitiva de São Benedito da Praia, em Bragança.

Fonte: Acervo pessoal. Adison Santos, 2019

<sup>6</sup> De acordo com Silva (1997) é muito comum alguns devotos doarem aos membros das comitivas sacas de farinha d’água ou outras monoculturas produzidas em suas terras como feijão, macaxeira, milho.

É importante demarcar que esta pesquisa se utiliza do conceito de ritual proposto pelo antropólogo Victor Turner. Nas obras *O Processo Ritual* (1974) e *Floresta de Símbolos* (2005), o autor define ritual como uma manifestação povoada de simbologias e representações que podem estar associadas a uma cosmogênese ou a aspectos diretamente ligados ao cotidiano da sociedade. Para Turner (1974), este aspecto é muito importante para a definição de ritual, pois sem a representação simbólica – através de movimentos, bandeiras e outros objetos – não é possível o estabelecimento de uma atmosfera ritual, ou seja, de um ambiente diferenciado da realidade cotidiana, onde o ritual se desenvolve.

Para se referir a esse momento diferenciado da realidade, o antropólogo se apropria de um termo inicialmente utilizado por Van Gennep (2011) e afirma que o ritual se realiza em um momento que é liminar. Segundo Turner (1974, p. 117),

os atributos de liminaridade, ou de personae (pessoas) liminares são necessariamente ambíguos, uma vez que esta condição e estas pessoas se ou escapam furtam à rede de classificação que normalmente determina a localização de estados e posições num espaço cultural. As entidades liminares não se situam aqui nem lá; estão no meio e entre as posições atribuídas e ordenadas pela lei, pelos costumes, convenções e cerimonial.

O conceito apresentado por Turner (1974) nos ajuda a compreender que o processo ritual é realizado de modo que nem o tempo, o espaço e nem os indivíduos nele envolvidos são os mesmos da vida cotidiana. Pessoas, tempo e espaço estão sob influência de uma atmosfera simbólica que os ressignifica e transforma seus atributos e status. Este é o momento liminar do ritual, que segundo atribuições de Van Gennep (2011) adotadas por Turner (1974), é precedido por um momento de ruptura – quando o indivíduo é separado de sua vida cotidiana – e posterior a este momento liminar (agregação) – quando o indivíduo se reintegra à sociedade.

Este artigo destaca o depoimento de três foliões de São Benedito (Quadro abaixo) a respeito do cancelamento da festividade do santo em 2020, primeiro ano na pandemia. Os foliões entrevistados foram Antonio Ribeiro, 41 anos, encarregado da Comitiva dos Campos; Valdeci Silva dos Santos, 55, encarregado da Comitiva da Colônia; e José Moraes de Brito, o Zezinho, 47, encarregado da Comitiva da Praia. A entrevista foi realizada em 2020 durante a pesquisa de dissertação de mestrado “Foliões Mensageiros: memórias e narrativas das comitivas de esmolação de São Benedito, em Bragança/PA” de Santos (2022).

**Quadro** – Relação de entrevistados na pesquisa de campo em Bragança/Pa.

Nome	Ocupação	Tempo de Devoção	Classificação Social na Pesquisa
Antonio Ribeiro	Folião	41 anos	Encarregado da comitiva dos Campos
Valdeci Silva dos Santos	Folião	55 anos	Encarregado da comitiva da Colônia
José Moraes de Brito, “Zezinho”	Folião	47 anos	Encarregado da comitiva da Praia

Fonte: Elaboração dos autores a partir de entrevistas e pesquisa de campo, 2021.

O questionário direcionado aos sujeitos investigados se centrou em dois tópicos. O primeiro relacionado à devoção do folião com o santo e o afeto dele com a festividade. As perguntas foram: “Conte um pouco sobre a sua história. Qual o seu nome, onde nasceu, onde cresceu e desde quando a devoção por São Benedito é presente na sua vida”? O segundo tópico se propôs a entender como a pandemia afetou a devoção com o São Benedito na região. Os questionamentos foram: “Como a pandemia afetou o trabalho realizado pelas comitivas e a dinâmica da devoção ao santo preto?”

Antes de apresentar os resultados da pesquisa, é válido destacar que quem coordena os grupos de esmolação é a Igreja Católica, através dos padres da Paróquia Nossa Senhora do Rosário<sup>7</sup>, da Diocese de Bragança. O primeiro passo é escolher os encarregados das comitivas, um para cada grupo. Em seguida, o encarregado com a orientação da Igreja faz uma triagem para escolher aquelas pessoas que irão compor as comitivas. Essa formação do grupo não é fixa e costuma mudar de um ano para outro.

No meu caso eu costumo escolher as pessoas que eu já conheço o trabalho ou então que eu ainda não conheço, mas foi muito bem recomendada por conhecidos. Faço a escolha dessa forma porque é preciso ter muita responsabilidade para seguir nessa caminhada. São quase oito meses de peregrinação. Tem o lado bom que é servir a São Benedito, levando ele de casa em casa, ajudando na devoção ao santo (...) mas tem o lado ruim, que é a ausência da família. Nem todo mundo está preparado para essa missão. Por isso, a importância da triagem, pois, quanto mais alinhada for a equipe, melhor será o resultado do nosso trabalho. (RIBEIRO, 2021,

<sup>7</sup> A Paróquia Nossa Senhora do Rosário existe desde o ano 1786. Com a criação da Diocese de Bragança, no ano de 1980, passou a ser a Catedral Diocesana. A paróquia é composta por 27 comunidades rurais e 12 comunidades urbanas, entre elas a igreja de São Benedito, onde ocorre a festividade do “santo preto” e a Marujada, em dezembro.

informação verbal)<sup>8</sup>.

O relato de Antonio Ribeiro define bem a responsabilidade exigida para a função de encarregado. Geralmente o encarregado é alguém que já participa há muito tempo do serviço de esmolação e conhece todos os detalhes do ritual. Logo após a definição de cada comitiva, a Igreja assume o papel de assessoria das comitivas, distribuindo remédios, calçados e dando assistência financeira para os foliões. A Igreja também fiscaliza esses grupos, verificando se eles estão atendendo as necessidades da comunidade de promesseiros e devotos que recebem a imagem do santo em casa.

Fernandes (2011) afirma que participar de uma comitiva, na condição de encarregado ou folião, significa reconhecimento social e faz com que estes homens adquiram um capital simbólico pela importância dos seus atos. Além disso, também existe o capital financeiro, pois o encarregado e os foliões recebem pagamento mensal pelo trabalho. Até 2019, ano de realização da última caminhada da comitiva antes da pandemia, o pagamento mensal repassado a eles era de 200 reais. Ainda em relação ao suporte financeiro, Fernandes (2011, p. 68) descreve:

Ao final dos oito meses de esmolação, os esmoladores têm participação percentual sobre o valor venal que foi arrecadado, para distribuição igualitária entre os membros de cada comitiva: em torno de 40% da arrecadação fica com eles, os 60% restantes fica com a Igreja. O dinheiro arrecadado com as vendas do leilão das promessas, no dia 26 de dezembro, fica integralmente com a Igreja.

A pesquisa mostrou que o cancelamento do ritual de esmolação em 2020, devido às restrições impostas pela pandemia, gerou um sentimento de angústia coletiva entre os foliões, sobretudo em relação ao futuro das comitivas. O sentimento de tristeza em não sair nas caminhadas de peregrinação e a aflição em não saber quando o ritual voltará às ruas foram alguma das situações citadas por eles.

“Não ter a caminhada foi muito triste não apenas para os integrantes das comitivas, mas para os devotos também. A gente ficou sem saber o que fazer, ficou com medo, angustiado. Eu nunca na vida imaginei que a esmolação ficaria suspensa, sem ter ideia de quando a gente voltará para as caminhadas”, relata

---

<sup>8</sup> Entrevista cedida por Antônio Ribeiro aos autores, em agosto de 2021.

Antônio Ribeiro (2020, informação verbal)<sup>9</sup>.

“Quando uma festividade termina a gente já fica planejando a caminhada com o santo para a próxima festividade. Sempre foi assim ou pelo menos, era assim. Mas em 2020 não foi isso que aconteceu”, conta Valdeci Silva dos Santos (2020, informação verbal)<sup>10</sup>. Ele afirma que a notícia sobre a interrupção das esmolações o deixou muito abatido. “Em 30 anos como folião foi a primeira vez que eu não saí que não saí de casa para peregrinar com o santo. Eu senti uma tristeza tão grande em saber que não estaria caminhando com meu santinho”, relembra (SANTOS, 2020, informação verbal)<sup>11</sup>.

“Eu reagi com tristeza. Pois eu pensava que isso não chegaria pra nossa terrinha de Bragança. Pra quem estava acostumado a sair todos os anos na comitiva foi um baque grande”, afirma José Moraes de Brito, conhecido como Zezinho (2020, informação verbal)<sup>12</sup>. O encarregado do Santo da Praia lembra que antes da pandemia se alastrar pelo país, entre final de fevereiro e início de março<sup>13</sup>, todos os três encarregados ainda participaram de uma reunião com os padres da igreja de São Benedito e Irmandade da Marujada, em fevereiro, para começar a definir o cronograma da caminhada de 2020. Mas semanas depois os planos precisaram mudar em razão das medidas sanitárias.

Além da melancolia, a paralisação das atividades também representou a ausência de recursos financeiros para os foliões. Como nenhum deles possui emprego ou renda fixa, a falta de dinheiro provocada pela interrupção das esmolações, que significava uma fonte de renda garantida durante 8 meses no ano, acabou intensificando a pobreza e a vulnerabilidade social entre a maioria dos integrantes das comitivas, conforme explica o folião:

A verdade é que durante esse tempo ficamos desamparados tanto pela Igreja como pelo poder público, que fala tanto em preservar a cultura de Bragança, mas numa hora dessas não faz nada. Ninguém nos procurou, nem Igreja, nem Secretaria de Cultura do município, ninguém. Não tivemos auxílio, nenhuma ajuda dessas autoridades, nada. Eu reconheço que a minha situação era até bem melhor que

<sup>9</sup> Entrevista cedida por Antônio Ribeiro aos autores, em Bragança, no ano de 2020.

<sup>10</sup> Entrevista cedida por Valdeci Silva dos Santos aos autores, em Bragança, no ano de 2020.

<sup>11</sup> Entrevista cedida por Valdeci Silva dos Santos aos autores, em Bragança, no ano de 2020.

<sup>12</sup> Entrevista cedida por José Moraes de Brito aos autores, em Bragança, no ano de 2020.

<sup>13</sup> Segundo o portal de notícias G1, o primeiro caso confirmado de Covid-19 no Brasil ocorreu no dia 26 de fevereiro de 2020 na cidade de São Paulo (SP).

muito dos meus colegas de comitiva, pois, mesmo não possuindo uma renda fixa, eu tenho casa própria, não pago aluguel e a minha esposa é funcionária pública. É ela que tem me dado esse suporte nesse momento de crise. Mas essa não é a realidade da maioria, infelizmente. Muitos dos meus colegas moram em casa alugada e não têm nenhuma outra fonte de renda. O dinheiro que sustentava eles, vinha das comitivas. Mas sem as esmolações como, eles vão receber? Isso é muito triste. Cheguei a ver gente em situação de miséria, passando necessidade mesmo. Eu tive que tirar do meu bolso, com a ajuda de amigos para ajudar. Isso não deveria acontecer, pois essas pessoas são trabalhadores, fomentam a cultura popular no município e ajudam a manter uma tradição de mais de duzentos anos [...] e por isso deveriam ser mais valorizadas. (BRITO, 2021, informação verbal)<sup>14</sup>.

O desabafo do folião descreve a situação de vulnerabilidade social vivida pelos integrantes das comitivas e ao mesmo tempo cobra posicionamentos de instituições que deviam fornecer amparo social a esses homens que, como afirma José Moraes de Brito (2020, informação verbal)<sup>15</sup>, “fomentam a cultura popular no município”. A reivindicação levantada pelo encarregado da Comitiva da Praia é compartilhada pelos foliões Valdeci Santos e Antonio Ribeiro, das comitivas da Colônia e dos Campos, respectivamente, que também reclamam da falta de apoio da Igreja e do poder público durante o período de paralisação das atividades.

As denúncias apresentadas pelos foliões a respeito da falta de atendimento e acompanhamento social tanto por parte da Igreja (representada pela Paróquia Nossa Senhora do Rosário), quanto da Prefeitura Municipal de Bragança, através da Secretaria de Cultura, foram encaminhadas às instituições citadas pelos entrevistados. Durante a pesquisa, os autores deste artigo entraram em contato com a paróquia de Nossa Senhora do Rosário, responsável pela administração da festividade do santo, e com a Secretaria de Cultura do município, mas ambas não responderam aos questionamentos levantados pelos foliões.

Mesmo após insistentes contatos por e-mail e telefone, destacando a importância do posicionamento dos dois órgãos a respeito das denúncias apresentadas pelos foliões nesta pesquisa, Igreja e prefeitura ignoraram o pedido de esclarecimento sobre os relatos de falta de apoio às comitivas de esmolação durante o período mais crônico da pandemia.

---

<sup>14</sup> Entrevista cedida por José Moraes de Brito aos autores, em Bragança, em agosto de 2021.

<sup>15</sup> Entrevista cedida por José Moraes de Brito aos autores, em Bragança, no ano de 2020.

## Narrativas dos foliões

Para analisar os discursos dos produtores do ritual de esmolação destacados neste artigo, o trabalho utilizou os aportes teórico-metodológicos da Análise Crítica da Narrativa, elencados por Luiz Gonzaga Motta (2013). Segundo o autor, todos nós somos seres narrativos e narrar é uma experiência enraizada na existência humana. Portanto, fazer uma análise crítica da narrativa significa assumir uma atitude analítica “aguçada e compreensiva: lançar sobre o objeto um olhar escrutinador, sistemático e rigoroso, através de processos que permitam relacioná-lo ao seu contexto de produção e de recepção” (MOTTA, 2013, p. 19).

Motta defende que toda narrativa possui uma intencionalidade. Seja na modalidade factual ou fictícia, o sujeito narrador dispõe tática e estrategicamente de sucessão de fatos com o objetivo de tecer uma totalidade compreensiva. Em outras palavras, toda narrativa se origina em uma estratégia enunciativa. A respeito da intencionalidade dos interlocutores no processo de produção do sentido, o autor escreve:

Ao tomar a decisão de contar uma estória, seja um conto maravilhoso, um filme, uma biografia, ou uma simples piada alguém tem em mente uma intencionalidade (um efeito de sentido pretendido) que é transferido para o ato de fala narrativo e que interfere na configuração da estória. Ninguém conta uma história ingenuamente. (MOTTA, 2013, p. 38)

Para o autor, as narrativas nunca podem ser analisadas isoladamente, sob pena de perderem seu objeto determinante. É impossível desconsiderar as manobras e ferramentas discursivas decorrentes das intenções do autor/narrador na análise, sejam elas conscientes ou inconscientes. Motta (2013) afirma que as narrativas criam significações sociais, são produtos culturais, inseridos em certos contextos históricos cristalizam as crenças, os valores, as ideologias, a política, a cultura, a sociedade inteira.

Segundo Motta (2013), cabe ao analista da narrativa evidenciar pistas de efeito de real (veracidade) e contribuir para a constatação dos possíveis efeitos estéticos de sentido (a comoção, a ironia, a esperança, etc.) no receptor da mensagem. “As narrativas realistas utilizam uma linguagem referencial para vincular sempre os fatos ao mundo físico, mas criam efeitos catárticos, como na ficção”

(MOTTA, 2013, p. 196). Para ele, a retórica dessas narrativas estimula um permanente jogo entre as intenções do narrador e as interpretações do receptor.

O autor afirma que as narrativas enquanto objetos de estudo podem ser analisadas em três instâncias expressivas – que ocorrem de forma superpostas umas às outras, sem hierarquia entre tais divisões. Essas três instâncias de análise são: plano da expressão (linguagem ou discurso); plano da estória (conteúdo) e plano da metanarrativa (tema de fundo). “Podemos, talvez, considerar os dois primeiros planos predominantemente estéticos, enquanto o terceiro seria predominantemente ético (cultural e/ou ideológico)” (MOTTA, 2013, p. 135).

O plano da expressão é apontado por Motta (2013) como o plano de superfície do texto, através do qual o enunciado narrativo é construído pelo narrador. De acordo com o teórico, é nesse plano que a intencionalidade do narrador e suas estratégias de linguagem para produzir determinados efeitos de sentido podem ser reveladas. A partir dessa leitura, nota-se nas falas dos sujeitos investigados a existência de sentimentos de angústia e incertezas em relação ao futuro da festividade.

Entre as falas que destacam esse sentimento de melancolia estão: “Não ter a caminhada foi muito triste não apenas para os integrantes das comitivas, mas para os devotos também”, do encarregado Antônio Ribeiro (2020, informação verbal)<sup>16</sup>. “A gente ficou sem saber o que fazer, ficou com medo, angustiado”, do folião José Moraes de Brito (2020, informação verbal)<sup>17</sup>. E “Eu senti uma tristeza tão grande em saber que não estaria caminhando com meu santinho”, relatada por Valdeci Santos (2020, informação verbal)<sup>18</sup>.

A segunda instância, também chamada de plano da estória, concentra a atenção do intérprete no plano de conteúdo da narrativa. Motta (2013) explica que é neste nível que ocorre uma análise centrada na representação dos significados imaginados, evocadas através de sequências de ações cronológicas e causais desempenhadas por personagens, estruturando uma intriga (enredo ou trama). “É o plano de conteúdo da estória, plano dos mundos possíveis da ficção, embora ocorra igualmente, com grau e dimensões diferentes, nas narrativas fáticas” (MOTTA, 2013,

<sup>16</sup> Entrevista cedida por Antônio Ribeiro aos autores, em Bragança, no ano de 2020.

<sup>17</sup> Entrevista cedida por José Moraes de Brito aos autores, em Bragança, no ano de 2020.

<sup>18</sup> Entrevista cedida por Valdeci dos Santos aos autores, em Bragança, no ano de 2020.

p. 137).

A partir dessas afirmações, podemos constatar que o plano da estória está concentrado na ordem cronológica das narrativas, que apresenta um breve panorama do passado, contextualiza o presente e faz projeções para o futuro. Nos relatos dos foliões, observamos o problema, apresentado como a devoção ao santo e a dinâmica das comitivas de esmolação aguardada anualmente pelos devotos de São Benedito (passado); a interrupção da festividade e o abandono dos foliões pelas autoridades do município de Bragança em relação a falta de suporte financeiro (presente) e a incertezas sobre a continuação ou não das caminhadas dos grupos de esmolação e o retorno da festividade (futuro). Essa construção de começo, meio e fim relatada na estória é organizada pela própria ordem dos relatos.

A terceira instância ou plano da metanarrativa está relacionada ao tema de fundo. Segundo Motta (2013), é nesta etapa que os motivos de fundo ético ou moral são encontrados na estória. O autor destaca que a metanarrativa é o plano da realização da fábula, da cosmovisão ou do *mythos* aristotélico. Em outras palavras, são as situações éticas fundamentais constituídas pelo narrador quando ele se dispõe a narrar.

Com base nessas afirmações, podemos constatar que o plano de metanarrativa dos relatos analisados ressalta a forte devoção a São Benedito na cidade de Bragança e região, validada através de depoimentos dos foliões. Esse discurso é reforçado quando os foliões se apresentam como instrumentos de intercessão do santo com os devotos. São as comitivas que percorrem os lugares mais remotos da região bragantina, indo de casa em casa, alimentando e retroalimentando a devoção do “santo preto” muito além do período da festividade.

Ao retirar o santo do espaço formal do altar/igreja/Clero e colocá-lo dentro de casa, num espaço informal e intimista, sem o controle institucional da Igreja naquele recinto, as comitivas de esmolação ampliam e ao mesmo tempo humanizam o diálogo/interação do devoto com o “intercessor direto de Deus”. O santo que já foi humano, oprimido e pobre, sente-se acolhido na simplicidade da casa do anfitrião e ao mesmo tempo acolhe quem o procura.

### Considerações finais

As reflexões e dados aqui apresentados nos mostram o fortalecimento da apropriação de São Benedito pelos moradores da região bragantina. Essa experiência é construída cotidianamente através das narrativas compartilhadas pelos sujeitos investigados. Sant'anna (2016) afirma que essas narrativas funcionam como suporte de devoção. As histórias de São Benedito formam os emaranhados das narrativas que vão ligando promesseiro, encarregados e todos os devotos do santo às festividades. Tal afirmação dialoga com os conceitos de Fernandes (2011) sobre narrativas que delimitam o “espaço de devoção” a São Benedito no território de Bragança.

Nesse sentido, é possível afirmar que as narrativas dos devotos carregam a marca de uma territorialidade que vai além do espaço geográfico. Esses discursos que formam a devoção representam modos de demonstrar a ação dos sujeitos no sentido de demarcar a ocupação do espaço da bragantidade de teor beneditino, revelando “um uso específico – a devoção – que implica no controle da região cultural – o entorno de Bragança – por uma prática ritual, garantindo-se a identidade, por uma rede estável de relações, entre devotos” (FERNANDES, 2011, p.133).

A rede de relações, citada pelo pesquisador, pode ser entendida como um espaço onde a promessa e o pagamento desta garantem o *feedback* constante com a identificação com o santo, gerando uma retroalimentação na atmosfera local. Esse processo faz com que “todos os sujeitos desse território e região cultural sintam-se ligados e permaneçam coesos pela identificação com o ritual, seja pela Marujada ou pela esmolação” (FERNANDES, 2011, p.133).

Ao longo da pesquisa foi possível identificar o quanto a pandemia de Covid-19 alterou os sentimentos e comportamentos dos devotos e foliões que pela primeira vez na vida não puderam receber o santo e nem sair com a imagem nas ruas na tradicional caminhada dos grupos de esmolação. Em todos os relatos ouvidos durante a investigação, os sujeitos investigados descreveram sentimentos de tristeza, angústia e incertezas em relação ao retorno do ritual de esmolação.

Esses sentimentos foram relatados com clareza durante as respostas ao segundo tópico do questionário que gerou este artigo. Ao responderem a pergunta “Como a pandemia afetou o trabalho realizado pelas comitivas e a dinâmica da devoção ao santo preto”, os foliões descreveram episódios de tristeza e aflição sobre a incerteza em relação ao futuro do ritual.

Além dos sentimentos coletivos de frustração e tristeza, a interrupção inédita dos grupos de esmolação em 222 anos de Festividade também afetou os produtores do ritual em outros sentidos. Devido à ausência de uma política de assistência social direcionada aos integrantes do grupo, a paralisação das esmolações intensificou os casos de miséria, insegurança alimentar e exclusão social para a maioria dos foliões, conforme o relato dos próprios sujeitos investigados.

É importante ressaltar que as narrativas compartilhadas frequentemente pelos devotos e foliões também ajudam a reverberar os discursos e as práticas de apropriação de São Benedito pelos devotos bragantinos. Seja através das experiências de agradecimento por uma graça alcançada ou de relatos de humanização do santo, essas histórias atravessam as memórias e o imaginário da população, reafirmando-se a cada novo ciclo da festividade

**Artigo recebido em 06 de fevereiro de 2023.**

**Aprovado para publicação em 14 de abril de 2023.**

## Referências

ALENCAR, Larissa Fontinele de. **No rastro dos “pés descalços”**: da Marujada à narrativa literária. Dissertação (Mestrado em Linguagens e Saberes da Amazônia) – Universidade Federal do Pará, Bragança, 2014.

BESEN, José Artulino. **São Benedito**. 3ª Edição, Missão Jovem, Florianópolis, 2012.

BRITO, José Moraes de. [Entrevista cedida a] Adison Cesar Sousa dos Santos em Bragança/ PA, no ano de 2020. Entrevista realizada para finalidades de pesquisa.

FERNANDES, José Guilherme dos Santos. **Pés que andam, pés que dançam**: Memória, identidade e região cultural na esmolação e marujada de São Benedito em Bragança (PA). Belém: EDUEPA, 2011.

GENNEP, A. Van. **Os ritos de passagem**. 2. ed., Trad. Mariano Ferreira. Petrópolis: Vozes, 2011.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Cidades e Estados – Bragança código: 1501709. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pa/braganca.html>. Acesso em: 18 jan. 2023.

MEDEIROS, Isabella T. **Desmontando a Santidade**: Interferências Sociais e Políticas no Processo de Santificação de Madre Paulina. Revista da APG, São Paulo, v.2, n.1, p.10-38, jul./dez. 2022. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/apg/index10>. Acesso em 03 abr. 2023.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise Crítica da Narrativa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.

NONATO DA SILVA, Dário Bendito Rodrigues. **Os donos de São Benedito**: convenções e rebeldias entre o catolicismo tradicional e devocional na cultura de Bragança, século XX. Belém: [s.n.], 2006.

PRIMEIRO caso confirmado de Covid-19 no Brasil ocorreu em SP e completa seis meses nesta quarta. **G1 SP**. São Paulo, 26 ago. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/08/26/primeiro-caso-confirmado-de-covid-19-no-brasil-ocorreu-em-sp-e-completa-seis-meses-nesta-quarta.ghtml>. Acesso em: 10 dez. 2021.

RIBEIRO, Antônio. [Entrevista cedida a] Adison Cesar Sousa dos Santos em Bragança/ PA, no ano de 2020 e em agosto de 2021. Entrevista realizada para finalidades de pesquisa.

ROSÁRIO, Ubiratan. **Saga do Caeté**: folclore, história, etnografia e jornalismo na cultura amazônica da Marujada, Zona Bragantina, Pará. Coleção Caeté. Belém: CEJUP, 2000.

SANT'ANNA, Elcio. **"Não brinca com São Benedito"**: um estudo antropológico das narrativas nas devoções beneditinas de Bragança/PA. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Belém, 2016.

SANTOS, Adison C. S.; COSTA, Vania Maria Torres. **Narrativas de devoção**: análise do documentário "Beneditos", da TV Cultura do Pará. In: IV ENCONTRO DE ANTROPOLOGIA VISUAL DA AMÉRICA AMAZÔNICA, 4., 2020, Belém. [S.l.], Belém, 2020.

SANTOS, Adison C. S. dos. **Foliões Mensageiros**: memórias e narrativas das comitivas de esmolação do Glorioso São Benedito de Bragança/PA. Dissertação (Mestrado em Comunicação, Cultura e Amazônia). Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Belém, 2022.

SANTOS, Valdeci Silva dos. [Entrevista cedida a] Adison Cesar Sousa dos Santos em Bragança/ PA, no ano de 2020. Entrevista realizada para finalidades de pesquisa.

SILVA, Armando Bordallo da. Contribuição ao Estudo do Folclore Amazônico na Zona Bragantina. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Edição nº. 05, Série Antropologia, Belém-PA, 1959.

SILVA, Dedral Brandão da. **Os Tambores da Esperança**. Belém: Falangola, 1997.

**TURNER, Victor W. O Processo Ritual: estrutura e antiestrutura.** Petrópolis: Editora Vozes, 1974.

### **Sobre a autoria**

<sup>1</sup>Doutorado em Comunicação, Cultura e Amazônia (2022 – atual) pela Universidade Federal do Pará. E-mail: adisoncf@gmail.com.

<sup>2</sup>Pós-doutorado em Literatura Brasileira (2022) pela Universidade da Amazônia. Doutora em Comunicação (2011) pela Universidade Federal Fluminense. Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará. E-mail: vaniatorres@ufpa.br.